

A DISTINÇÃO ENTRE ANIMAIS LIMPOS E IMUNDOS DE LEVÍTICO 11*

Gerhard F. Hasel**

É ainda relevante a distinção entre animais limpos e imundos apresentada em Levítico 11:2-23, 41-45 (e em Deuteronômio 14:3-20)¹? A maioria dos Cristãos e até mesmo certos grupos de Judeus não mais observam estas distinções em seus hábitos alimentares. Afirmando alguns que a adesão às instruções alimentares bíblicas é uma inconsistência da parte dos cristãos praticantes, e sendo baseada dizem, na lei cerimonial, uma lei cumprida em Cristo e não obrigatória para os cristãos.

O assunto suscita a questão essencial da possibilidade de a instrução alimentar de Levítico 11 (e Deuteronômio 14) estar fora da estrutura da lei cerimonial ou ritual do Antigo Testamento. São essas instruções alimentares parte de lei universal bíblica? São “imperativos morais”² ainda válidos para os crentes na Bíblia hoje? Estas questões suscitam assuntos ainda mais importantes que dizem respeito à distinção entre animais limpos e imundos e sua relevância para as práticas alimentares de hoje.

* Artigo publicado originalmente em Inglês “The Distinction Between Clean and Unclean Animals in Lev 11: Is It Still Relevant” no *Journal of the Adventist Theological Society* 2:2 (1991), 91-119. O editor agradece a “Adventist Theological Society” que na pessoa de seu então presidente, Richard Davidson, concedeu permissão para que o presente artigo fosse traduzido e publicado em português.

** Gerhard F. Hasel, erudito adventista, falecido em 1994, foi diretor e professor do Seminário Teológico da Andrews University, EUA. Escreveu vários artigos e livros, entre os quais *Teologia do Antigo Testamento* e *Teologia do Novo Testamento* publicados em português pela JUERP.

¹ Há aqueles que sugerem que Levítico 11:2-23 é dependente de Deuteronômio 14:4-20 tal como Rolf Rendtorff, *Die Gesetze in der Priesterschrift, eine gattungsgeschichtliche Untersuchung* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1954), p. 45 n. 34; Klaus Koch, *Die Priesterschrift von Exodus 25 bis Leviticus 11, eine überlieferungsgeschichtliche und literarkritische Untersuchung* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1959), p. 76 n. 6, sugere que presença do *min* em Deuteronômio 14:13-18 é devido a uma assimilação posterior de Levítico 11:14-19. Martin Noth, *Das dritte Buch Mose* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962), p. 76, sugere que Deuteronômio 14 é mais antigo do que Levítico 11, mas que uma parte de Deuteronômio 14:13-18 foi influenciada por uma versão antiga de Levítico 11. A. L. Moran, “The Literary Connection Between Lv 11:13-19 e Dt 14, 12-18,” *Catholic Biblical Quarterly* (28, 1966): 271-77, argumenta que houve uma antiga fonte para ambos, Levítico e Deuteronômio, mas atribui prioridade a Deuteronômio sobre Levítico. Ele sugere que as dez aves adicionais listados em Levítico foram emprestadas do texto posterior e adicionadas a Deuteronômio. Kim-Kwong Chan, “You Shall Not Eat These Abominable Things: An Examination of Different Interpretations on Deuteronomy 14:3-20,” *East Asia Journal of Theology* 3 (1985): 88-106, segue a teoria de Moran, de dependência (pp. 90, 94). O assunto da dependência literária é obviamente complexo e não pode ser tratado nos limites desta pesquisa. De qualquer modo, para os propósitos de nosso assunto ele não parece ser decisivo.

² E. Firmage, “The Biblical Dietary Laws and the Concept of Holiness”, *Studies in the Pentateuch*, ed. J. A. Emerton (Leiden: E. J. Brill, 1990) 177-208, fala das leis alimentares como pertencentes “à categoria de imperativos morais” (p. 184).

A maioria dos modernos comentaristas e exegetas interpretam a distinção entre limpo e imundo como sendo de natureza cerimonial, ritual e cùltica. Isto significa que a distinção entre animal limpo e imundo é parte do culto israelita e pertence à assim chamada lei cerimonial. Esta interpretação tem tido o primário, mas não o exclusivo, apoio na igreja cristã através dos séculos. Nos primeiros séculos do cristianismo o assunto de animais limpos e imundos recebeu atenção dentro do contexto mais amplo das leis de pureza.³ Por exemplo, a igreja oriental geralmente deu apoio para as leis de impureza por séculos. Este fato histórico revela que não é tão fácil atribuir uma determinada instrução do Pentateuco à lei cerimonial, como alguns sugerem e assumem que a questão está resolvida.

A freqüente associação da instrução bíblica sobre questões alimentares envolve questões fundamentais de interpretação da Bíblia. O ponto essencial do assunto em questão é o seguinte: é a instrução de Levítico 11, com respeito a distinção alimentar entre animais limpos e imundos, resultado das “leis alimentares promulgadas por sacerdotes no pentateuco”⁴ e, deste modo, limitada ao Antigo Israel,⁵ suas prescrições culturais, e leis cerimoniais? Ou, Levítico 11 (e Deuteronômio 14) é instrução divinamente dada que pertence ao que pode ser designado como “lei universal,” ou seja, lei que não é restrita no tempo a um povo específico, o antigo Israel, mas é universalmente válida para o povo de Deus em todos os tempos e lugares. Se este é o caso, e se assim for demonstrado em bases bíblicas, então, terá contínua relevância para os crentes na Bíblia hoje, a distinção entre animais limpos e imundos?

Com base nas observações esboçadas acima, será propósito deste estudo abordar as seguintes questões: 1) A distinção entre animal limpo e imundo de Levítico 11 pertence à categoria geral de distinção entre limpo e imundo da lei cerimonial? 2) O que a localização da distinção entre animal limpo e imundo em Levítico 11 revela acerca do seu significado dentro do contexto do livro de Levítico? 3) Como as comparações e contrastes da linguagem específica usada na lei alimentar servem como indicadores determinantes para demonstrar que a distinção entre animal limpo e imundo pertence a uma lei universal? 4) Que outros indicadores internos são oferecido pelos vínculos conceptuais entre a lei alimentar e outras partes do Antigo Testamento que igualmente mostram que Levítico 11 situa-se fora da lei cerimonial e ritual e, assim, pertence a lei universal? 5) Que base é dada em Levítico 11 para suas diretrizes alimentares e como isto indica sua permanente relevância para os crentes de hoje?

Dois Tipos de Distinções Entre Limpo e Imundo

Fundamental para qualquer discussão da distinção entre limpo e imundo é o fato de que o Antigo Testamento refere-se a dois tipos claramente definidos de

³Ver Dorothea Wendebourg, “Die alttestamentlichen Reinheitsgesetze in der frühen Kirche”, *Zeitschrift für Kirchengeschichte* 95 (1984): 149-70.

⁴ Deste modo, John G. Gammie, *Holiness in Israel* (Minneapolis: Fortress Press, 1989), p. 10

⁵ Assim de novo, Firmage, “The Biblical dietary Laws”, 184.

impureza. Um tipo de impureza é, de natureza e propósito, permanente, não ritual, não cültica, e não cerimonial; o outro tipo é distintamente ritual, cültico, e cerimonial em natureza e propósito. O primeiro tipo de impureza, a impureza não cerimonial, é permanente em natureza e propósito e, portanto, nenhum, rito, ou atividade pode removê-la. O outro tipo de impureza, a que é de natureza cerimonial, é claramente de natureza ritual e cerimonial, e uma ação cültica é prescrita, porque ela necessita ser removida. É uma impureza adquirida que está vinculada a alguma coisa ou a alguém que anteriormente era ritual e culticamente puro. A impureza ritual, cültica, é de natureza temporária e a pessoa ou coisa que se tornou impura necessita de purificação. Retornaremos a essa vital discussão entre impureza permanente, não cültica, não ritual e não cerimonial, por um lado, e impureza temporária, cültica, ritual e cerimonial por outro lado, em seguida.⁶

Deve ser notado que há partes no livro de Levítico que estão fora da estrutura de instruções rituais e cülticas tais como a maior parte de Levítico 17, 18, 26 e 27.⁷ O livro de Levítico contém tanto leis cerimoniais e rituais como morais e universais. A hipótese de que todo o material do livro de Levítico é de natureza cerimonial dificilmente pode ser sustentada. Como será discutido abaixo, Levítico 11-15 é um novo bloco de material dentro do livro. Levítico 11:2-23 está no começo deste bloco maior de material que trata das várias questões de limpo e imundo das quais nem todas são automaticamente de natureza ritual e cültica. Isto adverte o estudante para que seja sensível às distinções em questões de limpo e imundo e exige cuidadosa consideração.

Foi declarado acima, no início desta seção, que há dois topos de distinção entre limpo e imundo.⁸ Essas distinções são básicas para qualquer compreensão de pureza e impureza na Bíblia.⁹

Primeiro, deve ser concluído com base no testemunho bíblico completo que há uma pureza geral que é inata a todos os seres humanos e coisas, e à maior parte dos animais. Sob certas circunstâncias o que é inerentemente puro pode adquirir impureza – pode se tornar impuro. A impureza adquirida vem através do contato com a carcassa (Lv 11:29-40; Nm 19:11-17), emissão corporal (Lv 15:2-28) e doenças da pele humana, comumente designadas de lepra (Lv 13, 14), e assim por diante.¹⁰ Esta impureza adquirida é de natureza cültica ou cerimonial na medida em que ela se vincula a algo que previamente era limpo, tornando-o imundo.

⁶Crédito ao Dr. Jiri Moskala pelas várias distinções entre os dois tipos de impureza.

⁷Isto é claramente reconhecido por Harrison, *Leviticus*, p. 37. Ver abaixo nº 15.

⁸Jiri Moskala fez a distinção anteriormente com base em estudos de natureza comparativa dentro do conceito dos rituais de purificação.

⁹G. André e H. Ringgren, "tame" *Theological Dictionary of the Old Testament*, eds. G. J. Botterweck e H. Ringgren (Granad Rapids, MI: Eerdmans, 1986), V: 330-42.

¹⁰David P. Wright, "Leprosy", *Harper's Bible Dictionary*, ed. Paul J. Achtemeier (San Francisco: Harper & Row, 1985), p. 555, nota que as doenças de pele de Levítico 13 não devem ser identificadas com a lepra moderna (Hanseníase).

A impureza assim adquirida exige remoção por meio de alguma prescrição ritual estipulada. No caso da lepra havia um elaborado ritual para a purificação que incluía lavagem e/ou banho e sacrifícios (Lv 14:1-32). No caso da impureza adquirida por contato com uma carcassa, havia a lavagem das roupas e a espera até a tarde (Lv 11:24-28, 38, 39). A impureza adquirida através de contato com algum cadáver durava sete dias (Nm 19:11). Para se purificar desta impureza adquirida a pessoa contaminada ou imunda necessitava purificar-se com as cinzas de uma novilha vermelha, especialmente preparada, e com a água corrente de um vaso (Nm 19:1-19). Outras prescrições para a remoção da impureza adquirida podem ser catalogadas além dos exemplos citados aqui.

Os exemplos de impureza adquirida ou vinculada demonstram suficientemente que a impureza adquirida exige algum rito, uma ação cültica, ou uma combinação de ato(s) e tempo, através dos quais a impureza pode ser cerimonialmente removida e a pureza pode ser restaurada. Este tipo de impureza adquirida é de natureza ritual e cültica e é parte daquilo que pode ser designado de lei cerimonial. Exige uma cerimônia ritual para sua remoção e, a instrução divina é parte da lei cerimonial com seus ritos de propósito e desígnios cülticos.

Vamos discutir o próximo tipo de impureza, a que não é adquirida, e assim não é ritual nem cerimonial. É dito que esta impureza é inata ou inerente somente a certos animais.¹¹ Estes animais são chamados de “imundos” na Bíblia. Sejam mais específicos. Os animais imundos de Levítico 11:2-23 não são imundos por causa de uma impureza adquirida ou vinculada. Não se tornaram imundos por contato com alguma coisa que fosse imunda, em natureza como é típico da impureza adquirida. São imundos em si mesmos, Deus os declarou “imundos” (*tame*) e/ou “abomináveis” (*sheqets*).¹² Neste sentido nós podemos falar de uma impureza designada. A impureza designada por Deus exerce um papel somente a respeito de animais que são inaceitáveis para alimento, mas não para outros fins.

A segunda observação é de igual importância. A impureza inata, inerente ou designada é uma impureza que não pode ser removida por qualquer rito ou atividade cültica especificada na lei cerimonial. Ela nunca é removida pelo tempo ou por uma combinação de atividade cültica, como no caso da impureza ritual e cültica que se torna vinculada com alguma coisa que era originalmente limpa. Em outras palavras, não há possibilidade de remover a impureza inata e não adquirida lavando, fervendo, sacrificando, deixando passar o tempo ou fazendo qualquer outra coisa. Nenhuma destas atividades nem qualquer combinação delas tornará limpo um animal imundo.

Isto demonstra que a impureza de animais designados imundos ou detestáveis é de uma origem diferente e tem um propósito diferente da impureza cültica ou ritual. A impureza ritual e cültica é adquirida por alguém ou alguma

¹¹Firmage, “The Biblical Dietary Laws”, 183, também fala de animais como “inerentemente impuros.”

¹²Em Levítico 11 a designação “impuro” é usada para animais que são inerentemente imundos nos versos 4, 5, 6, 7, 8, 29, 31, 47. A tradução “abominável” ou “repugnante” é empregada para o termo hebraico *sheqets* e também para animais que são inerentemente imundos como em Levítico 11:10, 11, 12, 13, 20, 41, 42.

coisa que não era imunda anteriormente. Assim existe a necessidade de, por meio de algum ato ritual ou cúltico apropriado, restaurar tal objeto ao seu estado anterior de limpo. A impureza inata ou inerente, ao contrário, é permanente e irremovível. Não necessita de uma purificação cerimonial. É divinamente designada como sendo impura para propósitos alimentares.

Uma terceira observação, a respeito da impureza não adquirida dos animais de Levítico 11, é pertinente. A impureza inerente dos animais vivos não pode ser transferida para os que entram em contato com estes animais imundos.¹³ A não transferibilidade da impureza inerente indica que ela é de uma natureza diferente da impureza cerimonial, ritual e cúltica. Isto é diferente da situação de outras culturas antigas entre os vizinhos dos israelitas.¹⁴ Em Israel, somente a carcassa de animais mortos, a despeito de serem limpos ou imundos, causava a impureza pelo contato. Nenhum animal vivo, por si mesmo, seja limpo ou imundo, causa impureza no ser humano.

Se a impureza de animais vivos fosse de natureza cúltica ou ritual, deveria haver uma transferência ritual ou cúltica da impureza para pessoas ou coisas que entraram em contato com tais animais. Mas este não é o caso. Portanto, não há necessidade de uma prescrição para remoção da contaminação ou impureza causada por animais imundos vivos. Em suma, a não transferibilidade da impureza de animais impuros vivos parece revelar que a impureza destes animais é de um tipo diferente da impureza ritual ou cerimonial, ou seja, ela não é cúltica nem ritual.

Tendo em vista essas distinções, podemos concluir o seguinte:

1) Há uma impureza cúltica e ritual, que é adquirida e necessita de alguma espécie de ritual (com ou sem o tempo) para a sua remoção como é prescrito na lei cerimonial.

2) Em contrapartida há também uma impureza que não é ritual, nem adquirida. Ela é inata e inerente às criaturas que são designadas imundas ou detestáveis, e não é de natureza ou propósito cerimonial.

3) A impureza inerente não pode ser removida. Ela é permanente. Não há nenhuma ação ou ritual prescritos para a sua remoção, porque ela é diferente em sua origem, natureza e propósito.

4) A impureza que não é ritual e nem cúltica de um animal vivo não contamina nem causa impureza ou contaminação quer seja cúltica ou outra. Isto indica que é de natureza não cúltica e não é parte da lei cerimonial.

Podemos sugerir com base nesta evidência que a impureza inata, inerente ou designada tem origem e propósito diferentes da impureza adquirida e ritual.

¹³ André, "tame," 332-32, escreve erroneamente que "um animal imundo torna imunda qualquer coisa ou qualquer pessoa que entre em contato com ele... Quem quer que o pegue ou o toque (*naga*) é imundo até a tarde ..." Evidentemente isto é verdade somente para a carcassa do animal imundo, mas não para um animal imundo vivo.

¹⁴ J. C. Moyer, "Hittite and Israelite Cultic Practices: A Selective Comparison," *Scripture in Context II: More Essays in Comparative Method*, eds. W. W. Hallo et. al.) Winoma Lake: Eisenbrauns, 1983), pp. 29-33, descreve a impureza do porco e do cachorro na cultura hitita. Quando esses animais tocam o alimento eles o contaminam.

Ambas estão radicalmente separadas uma da outra em origem, propósito e desígnio. Elas não podem ser igualadas. Cada uma tem o seu próprio significado e relevância. Cada uma funciona diferentemente.

A Distinção Não Cerimonial Entre Limpo e Imundo em Levítico 11: Seu Contexto Literário

A localização específica da instrução a respeito de animais limpos e imundos dentro do contexto literário do livro de Levítico é de importância determinante para o seu significado e propósito.

O livro de Levítico contém quatro grandes blocos de material reconhecidos universalmente: os capítulos 1-7 contêm a instrução divina sobre o sacrifício; os capítulos 8-10 contêm instruções a respeito dos sacerdotes; os capítulos 11-15 tratam dos assuntos relacionados com o limpo e o imundo; o capítulo 16 se concentra no dia da Expição, o dia da purificação do santuário; os capítulos 17-27 contêm leis rituais e não rituais com várias exortações¹⁵.

Não é nosso propósito estudar a estrutura literária do livro de Levítico, um empreendimento muito complexo e longo.¹⁶ Em vez disso, limitaremos nossas observações ao contexto mais imediato da lei alimentar.

Está a lei alimentar de Levítico 11 colocada neste contexto mais amplo de instrução geral de limpo e imundo no livro porque tal instrução é ritual ou cúltica, e assim de natureza cerimonial? Esta questão é válida, porque tem sido declarado que “é incerto se os termos *limpo/imundo* como são usados neste capítulo têm uma base ritual ou religiosa, ou se têm implicações higiênicas.”¹⁷ Qual é a base da lei alimentar de Levítico 11? É ritual e cerimonial ou higiênica e universal?

Vimos acima que existe uma distinção fundamental entre os dois tipos de impureza. A própria estrutura literária do livro de Levítico provê percepções adicionais a respeito da distinção não ritual, não cerimonial entre animais limpos e imundos dentro do terceiro bloco de materiais (Lv11-15).

¹⁵Veja entre os comentários aqueles de Martin Noth, *Leviticus* “Old Testament Library” (Philadelphia: Westminster Press, 1965), p. 12; J. R. Porter, *Leviticus* (Cambridge: Cambridge University Press, 1976), p. 82; Gordon J. Wenham, *The Book of Leviticus* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), pp. 3-5; R. K. Harrison, *Leviticus: An Introduction and Commentary* (Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 1980), pp. 36-37; Baruch A. Levine, *Leviticus. The JPS Torah Commentary* (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989), pp. 63-69.

¹⁶William H. Shea, “Literary Form and Theological Function in Leviticus”, *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, ed. Frank B. Holbrook “Daniel and Revelation Committee Series, vol. 3” (Washington, D. C.: Biblical Research Institute of the General Conference of SDA's, 1986), pp. 130-68, descobre uma estrutura quiástica em Levítico, com o capítulo 16 no centro.

¹⁷Peter C. Craigie, *The Book of Deuteronomy* “The International Commentary on the Old Testament” (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), p. 231, faz esta declaração com respeito a Deuteronômio 14. Ele faz a mesma aplicação a respeito do capítulo paralelo de Levítico 11.

Para começar analisaremos a própria estrutura literária de Levítico 11.¹⁸ Este capítulo contém vários segmentos principais. A seguinte análise contém entre colchetes a estrutura literária principal, chamada, quiasmo,¹⁹ no bem conhecido padrão quiástico A-B-A:

Introdução, v. 1.

[A] Criaturas limpas e imundas, vv. 2-23

1. Criaturas da Terra, vv. 2-8

a. regulamento para as criaturas comestíveis da terra, vv. 2-3a

b. regulamento para criaturas não comestíveis da terra, vv. 4-8

2. Criaturas da água, vv. 9-12.

a. regulamento para animais comestíveis aquáticos, v. 9

b. regulamento para animais não comestíveis aquáticos, vv. 10-12

3. Criaturas do ar. Vv. 13-23

a. regulamento para aves não comestíveis, vv. 13-19

b. regulamento para insetos alados, vv. 20-23

1) insetos alados não comestíveis, v. 20

2) insetos alados comestíveis, vv. 21-22

3) insetos alados não comestíveis, v. 23

[B] impureza adquirida pelo contato com carcassa e sua remoção, vv. 24-40.

1. Impureza adquirida pelo contato ou transporte de criaturas terrestres e sua remoção, vv. 24-28.

2. Impureza adquirida pelo toque ou contato com enxame de criaturas mortas e sua remoção, vv. 29-38.

3. Impureza adquirida pelo toque ou transporte de carcassa de criaturas comestíveis e sua remoção, vv. 39-40.

[A'] Enxame de criaturas impuras e a razão básica, vv. 41-45.

1. Regulamento para enxame de criaturas não comestíveis, v. 41.

2. Regulamento para pequenas criaturas terrestres não comestíveis, v.

42.

3. Regulamento a respeito da impureza adquirida de enxame de criaturas não comestíveis, v. 43.

4. Razão básica: Sede Santos porque Eu sou Santo, vv. 44-45.

Conclusão, vv. 46-47.

1. Lei de criaturas vivas, grandes animais, pássaros, criaturas da água e enxames de criaturas, v. 46.

2. Distinção entre [A] imundo e [B]limpo,

¹⁸Uma destas tentativas publicadas é o artigo de David P. Wright, *The Disposal of Impurity. Elimination Rites in the Bible and in Hittite and Mesopotamian Literature* "SBL Dissertation Series" (Atlanta, GA: Scholars Press, 1978), pp. 200-206.

¹⁹Entre a rica literatura sobre o quiasmo, seu uso e exemplos, ver Y. T. Radday, "Chiasm in Samuel," *Linguistica Biblica* 9/10 (1971):21-31; idem, "Chiasm in Tora," *Linguistica Biblica* 19 (1972): 12-23; idem, "Chiasm in Joshua, Judges and Others", *Linguistica Biblica* 27/28 (1973): 6-13; L. Lundbom, *Jeremiah. A Study in Ancient Hebrew Rhetoric* (Missoula, MT: Scholars Press, 1975), pp. 61-112; A. R. Ceresko, "The Chiasmic Word Pattern in Hebrew," *CBQ* 38 (1976): 303-11; Meir Weis, *The Bible From Within. The Method of Total Interpretation* (Jerusalem: Magnes Press, 1984).

[B'] Comestíveis e [A'] não comestíveis.

A estrutura literária de²⁰ Levítico 11 revela que à parte da moldura exterior formada pela introdução (v.1) e conclusão (vv. 46-47) há três seções principais de material que parece ter a estrutura quiástica A-B-A, a qual é familiar em muitas partes do Antigo Testamento e na literatura do antigo Oriente Próximo. Não estamos preocupados com os sub padrões de cada seção principal.

A parte A do quiasmo consiste dos versos 2-23. Trata das criaturas limpas e imundas e quais delas são comestíveis (vv. 2-23). Como foi mencionado antes, a impureza das criaturas imundas não é contagiosa e, portanto, é de um tipo diferente quando comparada com a impureza que é adquirida e se vincula a pessoas ou coisas.

A parte B do quiasmo é formada pelos versos 24-40. Esta unidade, a qual é colocada entre as outras partes (vv. 20-23 e 41-45), trata do tópico da impureza adquirida, ritual, de criaturas mortas, ou seja, de carcassa de animais, e como alcançar a pureza. Ela revela que um animal morto para alimento não causa impureza à pessoa que o come e tem contato com ele. Ela afirma contudo, que uma pessoa ou utensílio que entrou em contato com a carcassa de uma criatura que morreu de causas naturais, inerentemente imunda ou não, se torna impura; e prescreve regulamentos sobre como a impureza adquirida é tratada no sistema cerimonial hebraico.²¹

A parte B parece estar nesta posição média do quiasmo por várias razões: (1) Está localizada aqui por causa do princípio da palavra chave "carcassa" (vv. 8, 11, 24, 25, etc.). (2) Esclarece a distinção entre impureza cerimonial não cúltrica, não cerimonial e impureza cerimonial, ritual e cúltrica. (3) Aborda o problema da distinção entre criaturas que são mortas para alimento e não contaminam e criaturas que sofrem morte natural e criam impureza por contato. (4) Revela as implicações de ambas para a santidade.

A parte A' inclui os versos 41-45. É a terceira parte do quiasmo, voltando a questão das criaturas imundas que não devem ser consumidas. Havia uma categoria de criaturas que não haviam recebido atenção na taxonomia prévia das criaturas nos versos 2-23. O primeiro agrupamento maior de "criaturas" (*chayyah*) dos versos 2-11 consistia de grandes "animais" terrestres (*behemah*), a segunda consistia de criaturas da água (vv. 9-12), e o terceiro incluía as criaturas aladas (vv. 13-23). O grupo que está faltando nesta taxonomia de criaturas são as criaturas pequenas sobre terra, que se arrastam sobre o ventre, pequenos quadrúpedes e criaturas de muitas pernas. Agora se aborda este grupo dentro desta terceira seção.

Em suma as partes A e A' tratam do assunto da lei universal, neste caso, a lei alimentar. Elas tratam da impureza não adquirida. Por outro lado a parte B do quiasmo trata do assunto da impureza ritual e cúltrica, adquirida, de tipo

²⁰A estrutura de Levítico 11 e sua cuidadosa composição é amplamente reconhecida, ver Karl Elliger, *Leviticus "Handbuch zum Alten Testament"* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1966), pp. 142-149.

²¹Uma discussão detalhada sobre a remoção de tal impureza ou impureza adquirida é encontrada em Wright, *The Disposal of Impurity*, pp. 200-206.

cerimonial, que se vincula à pessoa que toca a carcassa de uma criatura que morreu de morte natural. A parte B é colocada aqui por duas razões: (1) Por causa do princípio da palavra chave, e (2) por causa da necessidade de definir que tipo de carcassa contamina ritualmente; ou seja, a que morre de morte natural, e não a que é morta para alimento. A parte B do quiasmo provê assim um importante esclarecimento a respeito de cada animal morto que contamina. A resposta é clara: apenas o animal que morre de morte natural contamina cerimonialmente.

Tendo considerado as relações contextuais imediatas, necessitamos investigar o contexto mais amplo e perguntar por que o autor de Levítico pôs o assunto de animais limpos e imundos e o assunto da lei alimentar, lei universal, neste lugar do livro. À parte de várias razões possíveis, parece haver pelo menos (a) Razões literárias e de composição e (b) Uma razão temática que parece desempenhar um papel. Vamos considerá-las.

As razões literárias e de composição parecem ser evidentes em dois aspectos. O primeiro aspecto consiste no fato de que toda a terceira parte do livro de Levítico, isto é, os capítulos 11-15, trata do assunto da impureza e pureza,²² incluindo a impureza não adquirida, não transferível, bem como a impureza adquirida e transferível, em termos gerais. Seria, portanto, natural tratar de ambos os tipos de impureza e de pureza do ponto de vista da técnica de composição e do tema.

Além do quiasmo A-B-A o autor emprega o recurso literário conhecido como o “princípio da palavra chave.” Às vezes, os escritores bíblicos colocam assuntos ou tópicos um ao lado do outro, sem uma ordem particular, lógica ou sequencial, na base da “palavra chave” que menciona o assunto ou tópico. Este parece ser o caso aqui também. Notemos que na conclusão da legislação a respeito do santuário, que começa já em Êxodo 25 e é levada avante até Levítico 10,²³ dois tópicos chave são mencionados. O primeiro tópico é referido pelas “palavras-chave” “limpo/imundo”. Elas aparecem em Levítico 10:10, na frase

²²Estudos que tratam do complexo assunto da pureza e impureza, no Antigo Testamento, de maneira geral: W. R. Smith, *The Religion of Semites: The Fundamental Institutions* (2ª ed., New York: Schocken Books, 1972); J. Döller, *Die Reinheits- und Speisegesetze des Alten Testaments in religionsgeschichtlicher Beleuchtung* (Münster: Aschendorff, 1917); Mary Douglas, *Purity and Danger. An Analysis of the Concepts of Pollution and taboo* (London: Routledge and Kegan Paul, 1966); W. Paschen, *Rein und Unrein: Untersuchung zur biblischen Wortgeschichte* (München: Kösel Verlag, 1970); Jacob Neusner, *The Idea of Purity in Ancient Judaism* (Leiden E. J. Brill, 1973); E. Feldman, *Biblical and Post-Biblical Defilement and Mourning: Law as Theology* (New York: Yeshiva University and KTAV, 1977); I. Zatelli, *Il campo lessicale degli aggettivi di purità in Ebraico biblico* (Firenze: Instituto di Linguistica e di Lingue Orientali, Università di Firenze, 1978). Há dois estudos que pesquisam material produzido sobre o assunto de pureza e limpeza, ver J. Henninger, D. Meeks, M. J. Seux e H. Cazeles, “Purété et Impurété”, *Dictionnaire de la Bible Supplément* (Paris: Letouzey & Ané, 1979), 9:398-508; E. Cortese, “Le Recerche sulla Concezione ‘sacerdotale’ circa puro-impuro nell’ultimo decennio”, *Rivista Biblica* 27 (1979): 339-57.

²³Aqui, M. H. Segal, *The Pentateuch. Its Composition and its Authorship and Other Biblical Studies* (Jerusalem: Magnes Press of the Hebrew University, 1976), p. 45, faz uma significativa observação de que Levítico 1-10 é “a complementação e conclusão da história do tabernáculo” que começou em Êxodo 25.

que marca a distinção “entre o limpo e o imundo.” Este tópico torna-se o tema geral de Levítico 11-15. O segundo é a palavra chave “comer,” encontrada não menos de seis vezes em Levítico 10:12-19 (vv. 12, 13, 14, 17, 18, 19), a seção que imediatamente precede Levítico 11. O tópico introduzido por esta “palavra chave” é o assunto do alimento animal próprio ou impróprio para consumo.

As “palavras chave” “limpo/imundo” e “comer” fazem com que os tópicos de animais “limpos/imundos” e a lei alimentar sejam colocados nesta conjuntura no começo de Levítico 11-15. Se este artifício literário de “palavras chave” que introduz tópicos tem algum mérito, e parece inegável neste contexto, então é possível entender por que uma lei universal pode ser colocada neste contexto literário e por que ela não deveria ser entendida como sendo de natureza cerimonial por causa de sua localização particular em determinado arranjo literário do livro.

O reconhecimento desta técnica intraliterária e de composição parece esclarecer porque algo que é de natureza não cúltica e não cerimonial pode preceder (Lv 11:2-23) e seguir (Lv 11:41-45) uma seção que é de natureza cúltica e cerimonial (Lv 11:24-40). A hipótese de que todos os assuntos a respeito de limpo ou imundo são necessariamente cúlticos e cerimoniais simplesmente por causa de sua localização em um livro, ou seção de um livro, ou de sua proximidade com assuntos cúlticos, parece sem fundamento quando se compreende a natureza literária e composicional da obra.

Os aspectos temático mais amplo exige agora breve atenção. O tema dos animais – aqueles que são limpos e comestíveis e aqueles “que são imundos em si mesmos”²⁴ e são designados “abomináveis” e não comestíveis – é colocado primeiro nesta seção de Levítico 11-15. Uma vez que este tema ou assunto é tratado no capítulo 11, o autor prossegue para o assunto da impureza ritual adquirida e dos ritos cúlticos para remoção de tal impureza adquirida em outras partes de Levítico 12-15.

Desta maneira o autor se move do assunto geral, e não cúltico de impureza inata pertencente às criaturas que não são comestíveis, isto é, de impureza não adquirida, para o assunto cúltico mais abrangente da impureza adquirida que é de natureza ritual e cerimonial. O movimento composicional que vai de um tratamento geral e breve a respeito de animais limpos e imundos para um tratamento específico e extenso da impureza ritual, cerimonial, revela um estilo de composição manifestado também em outras partes do Pentateuco. Tais movimentos composicionais, que vão do geral para o específico, podem ser vistos na narrativa da criação.²⁵ Gênesis 1 apresenta o quadro da criação no seu aspecto geral e abrangente. Gênesis 2 segue com um tratamento de temas da criação expandidos, até mesmo em aspectos que não foram abordados

²⁴A expressão é de L. E. Toombs, “Limpo e Imundo,” *Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1962), 1: 645.

²⁵Ver o incisivo estudo de Jacques Doukhan, *The Genesis Creation Story. Its Literary Structure* (“Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 5”) (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1978), pp. 35-80

previamente, mas tratam mais da criação de Adão e Eva e a perfeita atmosfera de seu lar. Ambos têm que ver com o tópico da criação, contudo eles não são idênticos em suas ênfases temáticas.

Temos visto como várias considerações a respeito da distinção não cerimonial entre limpo e imundo em Levítico 11:2-23, 41-45 parece explicar porque esta seção está localizada onde está no livro. Os regulamentos pertencentes ao próprio santuário que começaram em Êxodo 25 concluem-se em Levítico 10. É natural que o assunto de pureza e impureza necessita ser tratado agora pelo escritor bíblico.

Não é acidental que as novas instruções divinas são dadas tanto para “Moisés” como para “Arão,” como declarado em Levítico 11:1 (cf. Lv 13:1; 14:33; 15:1). Este fraseado está em oposição a qualquer instrução prévia no livro de Êxodo e Levítico. Nunca antes Deus tinha dado qualquer instrução a ambos os líderes ao mesmo tempo. Deus fala através de ambos os líderes, dirigindo-se agora a Israel como um todo (Lv 11:2). Por meio das “palavras chave” “limpo e imundo” e “comer” esses tópicos são abordados sem que eles e tudo o mais em Levítico 11-15 sejam colocados dentro de um contexto cúltilo, sacrificial, ritual ou cerimonial.

Agora nos voltamos para um exame mais detalhado da própria lei alimentar, para evidências de que sua instrução pertence à categoria de lei universal.

A Linguagem Específica da Lei Alimentar

A palavra chave em Levítico é “imundo.” Sua forma hebraica é *tame'* e ocorre 34 vezes neste capítulo.²⁶ O antônimo é “limpo” (hebraico *tahôr*). É usada somente quatro vezes (Lv. 11:32, 36, 37, 47). Uma segunda palavra-chave em Levítico 11:2-23, 41-45 é o termo hebraico *sheqets*, significa “abominável.”²⁷ O termo “imundo” (*tame'*) é usado em Levítico 11 para animais terrestres que não são comestíveis. Contudo, as criaturas aquáticas nos versos 9-12 são *sheqets*, “abomináveis” (vv. 10, 11, 12), e assim também nas criaturas aladas nos versos 13-23 e 41-42. A questão que emerge aqui é se a designação “abominável” (*sheqets*) “parece representar uma desqualificação cúltilo mais extrema”²⁸ quando comparada com a designação “imundo (*tame'*)”. Indica o termo *sheqets* “simplesmente proibição como alimento”?²⁹ diferentes respostas têm sido oferecidas a estas questões. É notável, contudo, que o que é descrito em Levítico 11:9-12 como “abominável” é descrito na passagem paralela de Deuteronômio 14:10 como “imundo”. As criaturas aladas de Levítico 11:20, 23 que são descritas como “abomináveis” são descritas em Deuteronômio 14:19 novamente como “imundas.” Isto sugere que ambos os termos cobrem

²⁶ Levítico 11:4, 5, 6, 7, 8, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 47.

²⁷ L. Koehler e W. Baumgartner, *Lexicon in Veteris Testamenti Libros* (Leiden: E. J. Brill, 1958), p. 1009; William L. Holladay, Jr., *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*

²⁸ J. G. Botterweck, “*ch'ztr*,” *Theological Dictionary of the Old Testament*, 1:297.

²⁹ Assim, Jacob Milgrom de acordo com Firmage “The biblical Dietary Laws”, 206.

aproximadamente o mesmo espectro de significados, mas “abominável” parece conter conotações mais amplas.

Parece haver razões adicionais para o uso desta terminologia dupla. David P. Wright sugeriu que “o uso da raiz *shqts* com os animais nos versos 9-23 [de Levítico 11] não se refere a sua capacidade de contaminar pelo toque, mas somente a sua natureza repugnante em relação a alimentação.”³⁰ Ele apoia a idéia de que animais imundos ou abomináveis não produzem impureza adquirida.

O uso da palavra hebraica *sheqets* certamente indica a séria natureza da proibição de comer criaturas imundas. A forma verbal da mesma palavra é usada para denunciar a adoração abominável a imagens de escultura (Dt 7:25-26). Esta conexão pode indicar a gravidade com a qual a criatura imunda ou abominável deve ser vista quando diz respeito ao seu uso como alimento. É como se alguém compartilhasse ou ingerisse um ídolo.

A sentença sumário em Levítico 20:25 declara que a pessoa torna-se “abominável” ao consumir uma criatura imunda. A pessoa que consome um animal imundo não se torna “imunda” mas “abominável.” Se a pessoa simplesmente se tornasse “imunda,” então supor-se-ia que tal pessoa poderia submeter-se a um rito de purificação para se livrar da impureza adquirida. Mas este não é o caso.³¹ Ser “abominável” significa estar em um estado sério demais para ser tratado por algum rito de purificação cerimonial.

Consideremos a seguir os regulamentos a respeito do “peregrino/estrangeiro” (*ger*) em Israel, e como estes regulamentos esclarecem o aspecto universal da instrução alimentar no livro de Levítico. A lei da caça (Lv. 17:13) refere-se tanto ao israelita como ao peregrino/estrangeiro (*ger*) e aplica a norma de que o animal caçado, que “pode ser comido,” necessita ter o sangue derramado. Este regulamento para o animal que “pode ser comido” dentre os que são caçados não é restrito ao israelita apenas, mas se aplica universalmente também ao “peregrino/estrangeiro” em Israel.

Em Levítico 17-18 há vários regulamentos que se aplicam tanto aos israelitas como aos não israelitas. A frase “qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros [*gerim*] que peregrinam entre vós” (Lv. 17:8, 10, 12, 13) destaca isto. Estas leis pertencem ao israelita e ao “estrangeiro” ou “peregrino”³² e, portanto, não podem ser restritas aos israelitas e ao culto dos israelitas. Em

³⁰Wright, *The Disposal of Impurity*, p. 202.

³¹A impureza que se vincula a uma pessoa, por comer um animal que morreu de morte natural ou violenta, deriva do sangue contido na carcassa (Lv 17:14, 15). A questão de Levítico 17:15 não é o consumo de animais imundos, mas o consumo da carcassa com o sangue contido nela, de um animal que teve uma morte natural ou foi dilacerado por um animal selvagem. Assim, a impureza não se deve ao fato de comer uma carne imunda mas de comer uma carcassa com o sangue.

³²A definição de “residente, estrangeiro” oferecida por W. L. Holladay, Jr., *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publ. Comp., 1971), p. 64, lê: “*ger* é um homem que, quer sozinho ou com sua família, deixou sua vila e tribo, por causa de guerra (2Sm 4:3), fome (Rt. 1:1), pestilência, culpa de sangue, etc., e procura abrigo e moradia em outra parte, onde seu direito à terra própria, casar, e participar na administração de justiça, no culto, e na guerra é reduzido.”, o *ger*, “peregrino, estrangeiro”, era um não israelita que escolheu viver entre os israelitas sem se tornar israelita.

outras palavras, certas leis têm aplicação universal; elas estão fora do foco limitado da lei cerimonial, ritual e cültica. Essas leis são de natureza universal.

As leis sacrificais de Levítico 1-17 não mencionam especificamente o “estrangeiro” ou “peregrino.” Elas não se aplicam universalmente a todos os não israelitas, a menos que estes se tornem membros plenos da comunidade do Concerto.³³ Mas a lei universal conhecida de Gênesis 9:4, anterior a existência de uma entidade conhecida como Israel, que proíbe comer sangue, continuá a se aplicar universalmente ao israelita e ao “estrangeiro” em Levítico 17:10-12. A lei da caça em Levítico 17:13, deste modo, é vista como pertencendo a lei universal tanto em desígnio como em aplicação, porque ela se aplica tanto ao israelita como ao estrangeiro (*ger*).

Nesta lei é feita a distinção referente a “um animal ou ave que se come” (vv.13). A razão, embora não explicitamente declarada, mas compreendida, é que eles são “limpos.” Por implicação há outros animais e pássaros caçados que não podem ser comidos, porque são imundos. A distinção de limpo e imundo é aplicada aqui a animais de caça. Esta distinção aplica-se tanto ao israelita como ao “estrangeiro.” O fato de que ambos, israelita e não israelita, estão em vista, parece indicar que a distinção entre animais que podem ser comidos e os que não podem ser comidos é universalmente válida e não pode ser restrita ao israelita ou judeu somente.

As Leis não cerimoniais e universais de Levítico 18 aplicam-se novamente a ambos, israelitas e “estrangeiros” (*ger*). Essas leis incluem leis de casamentos proibidos (Lv 18:6-17), pecado de impudência (Lv 18:18-21), homossexualidade (Lv 18:22), bestialidade (Lv 18:23). Essas leis universais causaram a expulsão das nações pagãs de forma que a terra “vomitou os seus moradores” (Lv 18:25). O verso 26 sumariza: “nenhum nativo nem estrangeiro que peregrina entre vós” praticará qualquer dessas “abominações” (*tô'ebôth*). É particularmente digno de nota que os animais imundos são parte das “abominações” (*tô'ebôth*). O termo “abominações” (*tô'ebôth*) é usado na declaração introdutória (v. 3) da lei alimentar em Deuteronômio 14:3-21. O termo abominação tem várias conotações, mas significa essencialmente, algo que, por sua natureza, é definido em oposição ao que é aceitável e/ou permitido por Deus.³⁴ Aqui há uma consideração lingüística adicional: a lei alimentar de animais limpos e imundos é uma lei universal, lei não cerimonial. As “nações” pagãs de Canaã toleraram as “abominações” (*tô'ebôth*) que eram proibidas nas leis universais e sofreram as conseqüências de tal atividade ao serem submetidas a julgamento em larga escala (Lv 18:24-30). Portanto, comer animais imundos é uma “abominação” (Dt 14:3 *tô'ebôth*). É a transgressão de uma lei universal que é válida para toda humanidade.³⁵

³³D. Kellerman, “*gur*,” *Theological Dictionary of the Old Testament*, eds. J. G. Botterweck e H. Ringgren (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975), 1:447.

³⁴E. Gerstenberger, “*t b*” *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, eds. E. Jenni e C. Westermann (Zurich/Munich: Kaiser, 1976), II: 1053.

³⁵Crédito por observar esta relação entre Levítico 17-18 e Deuteronômio 14 e ser dado ao meu colega Dr. Richard Davidson.

Conexões Conceptuais com o Livro de Gênesis

É prontamente reconhecido pelos intérpretes que a distinção entre animais limpos e imundos não aparece em Levítico 11 pela primeira vez. A primeira distinção é encontrada em Gênesis 7:2-8, um texto que é atribuído, pelos eruditos histórico-críticos, à fonte J.³⁶ A hipótese documentária está sob uma crítica tão radical que pode ser deixada fora de nossas considerações.³⁷

É importante reconhecer que Gênesis 7 precede as passagens de Levítico 11 e Deuteronômio 14 em tempo e contexto. O contexto de todo o Gênesis 1-11 está numa perspectiva universal.³⁸ É destacado que não poderíamos “imaginar um tempo no qual houvesse seres humanos que não compreendessem a distinção entre [animais] limpos e imundos.”³⁹ Não é importante para nossos objetivos se a distinção mencionada em Gênesis 7 “entre os animais limpos e imundos... é uma distinção baseada em sua utilidade para os seres humanos, e não sobre idéias legais posteriores,”⁴⁰ ou se era conhecida por causa dos propósitos sacrificais,⁴¹ ou por algo mais. De qualquer modo, Noé sacrificou, após o Dilúvio, “animais limpos” e “aves limpas” (Gn 8:20).

A distinção entre limpo e imundo é importante nesse tempo antigo e nesse contexto universal. Não somente animais e aves limpos foram usados como o sacrifício mas, após o Dilúvio, foi permitido aos seres humanos comer animais (Gn 9:35). A implicação é que lhes foi permitido comer somente animais limpos. Nesta passagem pré-israelita de Gênesis 9 há também a declaração de que o homem não deveria comer carne com sangue (v. 4). Esta é uma lei universal e obrigatória para todos os cristãos, como o Decreto Apostólico de Atos 15:20 indica.

Essencial para nossa discussão é o fato de que a distinção entre animais limpos e imundos era conhecida antes dos israelitas virem a existência. Na

³⁶Por exemplo, Claus Westermann, *Genesis 1-11. A Commentary* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984), pp. 427-29; Hermann Gunkel, *Genesis* (6ª ed., Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1963), pp. 62-64.; O. Procksch, *Die Genesis* (Leipzig: Deichertsche Verlagsbuchhandlung, 1913), pp. 62-65; Gerhard von Rad, *Genesis. A Commentary* (Philadelphia: Westminster Press, 1961), pp. 114-16; Walter Brueggemann, *Genesis. A Bible Commentary for Teaching and Preaching* (Atlanta: John Knox Press, 1982), pp. 73-88.

³⁷Para uma crítica com literatura moderna, ver Gerhard F. Hasel, *Biblical Interpretation Today. An Analysis of Modern Methods of Biblical Interpretation and Proposals for the Interpretation of the Bible as Word of God* (Washington, D.C.: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-day Adventists, 1985), pp. 7-27.

³⁸Gênesis 1-11 é costumeiramente designado de “história primeva.” Poderia ser mais vantajoso chamá-lo de “história dos começos.” É reconhecido universalmente como sendo “universal” em perspectiva e tendo vista o mundo todo. Ver A. E. Speiser, *Genesis*, “The Anchor Bible” (Garden City, NY: Doubleday, 1964), p. LIII; Westermann, *Genesis, 1-11*, pp. 1-64; Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis Chapters 1-17* “The New International Commentary on the Old Testament” (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990), p. 10; Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15* “Word Biblical Commentary, vol. 1,” (Waco, TX: Word Book Publishers, 1987), pp. xlvii-lxiii.

³⁹Gunkel, *Genesis*, p. 62.

⁴⁰Westermann, *Genesis*, p. 428.

⁴¹Assim, G. Ch. Aalders, *Genesis, vol. 1* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), p. 168.

verdade, é uma distinção conhecida no mundo antediluviano, levando-nos de volta para o tempo anterior ao Dilúvio, em uma passagem e contexto que têm uma ênfase universal. Pode, portanto, ser mantido que a distinção de animais limpos e imundos é aplicável para a humanidade em geral. Ela é ilimitada em escopo e desígnio e está fora da legislação cerimonial concedida ao antigo Israel em tempos posteriores.

Esses fatos afirmam que a distinção entre animais limpos e imundos não é produto da legislação cáltica hebraica, mas a precede desde os tempos antediluvianos. Tem sido afirmado que “a distinção entre animais limpos e imundos não se originou com Moisés, mas foi confirmada por ele como um costume estabelecido muito anteriormente, ...”⁴² certamente que a distinção entre animal limpo e imundo não tem seu começo na legislação Mosaica.⁴³ A distinção entre animais limpos e imundos está vinculada a outras instituições que precedem os tempos israelitas e remontam a história dos começos no período antediluviano. A distinção entre animais limpos e imundos está vinculada a verdades eternas, tais como o matrimônio (Gên. 2:18-15), o sábado (Gn 2:1-3), e outras.⁴⁴

Há uma segunda conexão conceptual importante entre a lei alimentar de Levítico 11:2-23, 41-45 e a história dos começos em Gênesis 1-11. Mais precisamente, a classificação ou taxonomia dos animais em Levítico 11 parece corresponder à classificação, taxonomia, e a seqüência dos animais na narrativa da criação em Gênesis 1:20-25. Gênesis 1:20-25 tem a seqüência na ordem da criação do mundo animal dos peixes (v. 20a), seguidos das aves (v. 20b), e dos animais da terra (vv. 24, 25), isto é, uma seqüência de criaturas da água, do ar e da terra. Levítico 11:9-31 tem uma seqüência similar de animais da água (vv. 9-12), seres alados (vv. 13-23) e animais da terra (vv. 24-31).⁴⁵ Naturalmente, os versos 2-8 precedem a apresentação com uma descrição de grandes animais da terra. Assim a seqüência completa não segue inteiramente o que nós encontramos em Gênesis 1. Entretanto, ainda existe uma conexão seqüencial que pode ser percebida. Pode ser sugerido que aqui há, novamente, um indicador de uma estrutura de pensamento mais abrangente que não é percebida quando Levítico 11 é restringido a conexões meramente rituais e culturais.

Tem sido inferido também que o uso de duas designações diferentes para animais em Levítico 11:2 reflete o relato da criação de Gênesis 1.⁴⁶ O vocabulário de Levítico 1 indica que há “criaturas” (*chayyôth*)⁴⁷ que, nesse contexto, significa genericamente “criaturas viventes”⁴⁸ que podem ser comidas

⁴²C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament. The Pentateuch* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, s/d), 1:144.

⁴³Hansjörg Bräumer, *Das erste Buch Mose, Kapitel 1-11* (Wuppertal: R. Brockhaus, 1983), p. 171.

⁴⁴Uma declaração similar é feita por Wenham, *Genesis 1-15*, p. 177.

⁴⁵Howard Eilberg-Schwartz, “Creation and Classification in Judaism: From Priestly to Rabbinic Conceptions,” *History of Religions* 26 (1987): 361, n° 11.

⁴⁶*Ibid.*, pp. 360-61.

⁴⁷Holladay, *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon*, p. 102.

⁴⁸Levine, *Leviticus*, p. 66.

dentre todos os “animais” (*behemôth*) da terra, um grupo sob a classificação geral de *chayyôth*, “seres vivos” ou “criaturas vivas.”⁴⁹ Esta distinção entre o grupo genérico de *chayyah*, “criaturas vivas”, e o grupo específico de *behemah*, “animais da terra,” corresponde à classificação de Gênesis 1:24. Nesse texto o termo *chayyah* é também um termo genérico e o termo *behemah* é outra vez um grupo específico de “animais da terra.”⁵⁰ Evidentemente existe uma íntima conexão entre a classificação da narrativa da criação e a taxonomia usada em Levítico 11. O fato de que Levítico 11 depende de Gênesis 1 parece estar confirmado,⁵¹ o que põe as duas passagens na moldura conceptual comum de uma perspectiva universal. Com base nessas conexões é sugerido que aí parece haver um esforço “de vinculá-las [as leis alimentares] ao relato da criação.”⁵²

A Razão Para as Leis Alimentares

Veja por outra tem sido suscitada a questão, e justificavelmente assim: Por que os animais imundos são proibidos para consumo e como alimento para os seres humanos? Há mais de uma dúzia de sugestões⁵³

que não serão revisadas aqui em detalhes. Nem todos os pontos podem receber nossa atenção dentro das limitações deste estudo. Assim, tocaremos em alguns dos mais importantes.

Uma explicação, sugerida há muitos anos, sustenta que os animais eram considerados como imundos por causa de sua associação com as religiões pagãs.⁵⁴ Esta explicação cômico-religiosa tem a seu favor o fato de que vários animais imundos (particularmente o porco,⁵⁵ mas também o cachorro, etc.) eram usados nos cultos pagãos egípcios, cananitas, e outros.⁵⁶ Tem contra ela o fato de

⁴⁹J. G. Botterweck, “*behemah*”, *Theological Dictionary of the Old Testament*, eds. J. G. Botterweck e H. Ringgren (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975), 2:10.

⁵⁰Wenham, *Genesis 1-15*, p. 25; Botterweck, “*behemah*,” p. 9; etc

⁵¹Douglas, *Purity and Danger*, pp. 41-57, argumenta que a narrativa da criação de Gênesis 1 deu origem as leis alimentares.

⁵²Eilberg-Schwartz, p. 361.

⁵³Pesquisas e avaliações têm sido apresentadas, entre outros, por W. H. Gispén, “The Distinction Between Clean and Unclean,” *Oudtestamentische Studien*, ed. P. A. H. de Boer (Leiden: E. J. Brill, 1948), V: 190-196; I. Grunfeld, *The Philosophical and Moral Basis of the Jewish Dietary Laws*, (London: The Hillel Foundation, 1961), pp. 5-22; Walter Kornfeld, “Die unreinen Tiere im Alten Testament,” *Wissenschaft im Dienste des Glaubens. Festschrift für Abt Dr. Herman Peichl* (Wien: Herder Verlag, 1965), pp. 11-27; idem, “Reine und unreine Tiere im Alten Testament”, *Kairos 7* (1965): 134-47; J. Milgrom, “The Biblical Diet Laws as an Ethical System”, *Interpretation 17* (1963): 288-301; Gordon J. Wenham, “The Theology of Unclean Food,” *Evangelical Quarterly 53* (1981): 6-15.

⁵⁴Esta posição é apoiada por Martin Noth, *Leviticus* (London: SCM Press, 1965), p. 62; idem, *The Laws in the Pentateuch and Other Studies* (Philadelphia: Fortress Press, 1966), pp. 57-56; Döllner, *Die Reinheits- und Speisegesetze*, pp. 231-32; e em parte por Noordtzi, *Leviticus*, pp. 121-22; e outros.

⁵⁵Frederick J. Simons, *Eat Not This Flesh. Food Avoidances in the Old World* (Madison: University of Wisconsin Press, 1961), pp. 13-43.

⁵⁶Para antigas evidências, ver Kornfeld, “Reine und unreine Tiere im Alten Testament,” pp. 135-36, e evidências mais recentes, ver R. de Vaux, “Les Sacrifices de porcs en Palestine et dans l’Ancient Orient,” *Von Ugarit nach Qumran*, eds. J. Hempel e L. Rost (Berlín: Töpelmann, 1958), p. 250-

que nem todos os animais imundos são usados nos cultos pagãos⁵⁷ e também o fato de que alguns animais limpos (tais como touro, vaca, carneiro, bode e alguns peixes limpos) eram usados nos cultos pagãos.⁵⁸ Também não há qualquer indicação de que os cultos pagãos tenham algum papel nessa proibição.

W. Robertson Smith adotou uma idéia mais antiga⁵⁹ e desenvolveu o conceito de que a distinção entre animais limpos e imundos é um resquício do totemismo.⁶⁰ Ele foi seguido particularmente por Bernhard Stade.⁶¹ Totemismo é a crença no parentesco do homem com animais e plantas. “O caráter sagrado do totem exclui a espécie como alimento comum, mas o totem é a vítima da refeição ritual do clã.”⁶² A interpretação totemista tem sido rejeitada por causa de sua inadequação⁶³ e ausência de evidência de totemismo no Antigo Testamento.⁶⁴

Utilizando a abordagem da fenomenologia da religião, W. Kornfeld, mais recentemente, sugeriu que a idéia de animais imundos foi desenvolvida de conhecidos carnívoros e criaturas que comem carniça, e animais que vivem em lugares desérticos ou devastados e em ruínas, afastados dos animais domésticos.⁶⁵ Em outras palavras, os animais imundos eram ameaçadores da vida. A razão primária pela qual eles foram desqualificados deve ser descoberta em suas “práticas de ameaça à vida e sua esfera de existência.”⁶⁶ É difícil encontrar apoio suficiente para essas reivindicações com base no próprio Antigo Testamento. “Essa teoria,” tem sido observado, “não pode explicar a exclusão de alguns animais domésticos, herbívoros como camelo, jumento, coelho ou cavalo.”⁶⁷ Essa hipótese insatisfatória não tem atraído muitos seguidores.

Uma abordagem da antropologia social tem sido proposta e tem sido adotada por um crescente número de estudiosos em tempos recentes. Ela merece uma atenção mais detalhada. Mary Douglas, uma antropóloga social, utilizando a hipótese durkheimiana de que a classificação animal é uma reflexo dos valores

65; Anton Jirku, “Leviticus 11,29-33 im Lichte der Ugarit-Forschung,” *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 84 (1972): 348

⁵⁷Wenham, *Leviticus*, p 167; Kornfeld, “Reine und unreine Tiere im Alten Testament”, p.136.

⁵⁸Porter, *Leviticus*, p. 84.

⁵⁹Mac Lennan, *The Worship of Animals and Plants* (1869), citado em Kornfeld, “Die unreinen Tiere im Alten Testament” p. 12 n° 12.

⁶⁰W. Robertson Smith, *Lectures on the Religion of the Semites* (Edinburgh: T & T Clark, 1889), p. 143.

⁶¹Bernhard Stade, *Biblische Theologie des Alten Testaments* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1905), I: 135-42.

⁶²M. H. Pope, “Totemism,” *Interpreter's Bible Dictionary* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1962), 4: 674.

⁶³Ver Eduard König, *Theologie des Alten Testaments kritisch und vergleichend dargestellt* (Stuttgart: C. Belsler, 1922), pp. 28-29. Particularmente perspicaz é a crítica de Karl Wigand, “Die altisraelitische Vorstellung von unreinen Tieren,” *Archiv für Religionswissenschaft* 17 (1914): 427-31.

⁶⁴Kornfeld, “Die unreinen Tiere im Alten Testament,” p. 12.

⁶⁵*Ibid.*, 126

⁶⁶*Ibid.*

⁶⁷Jacob Milgron, “Ethics and Ritual: The Foundations of Biblical Dietary Laws,” *Religion and Law: Biblical-Judaic and Islamic Perspectives*, eds. Edwin B. Firmage, Bernard G. Weiss e John W. Welch (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1990), p. 175.

sociais, tem observado que “qualquer interpretação fracassará, pois toma os ‘não faça isto ou aquilo’ do Antigo Testamento de forma fragmentada.”⁶⁸ Mary Douglas interpreta os dados bíblicos à luz da tribo Lele da África que tem complexos regulamentos alimentares.

Douglas sugere que as espécies declaradas imundas em Levítico 11 são aquelas “que são imperfeitas em sua classe ou cuja classe confunde o esquema geral do mundo.”⁶⁹ Isto ela liga ao conceito de santidade, que envolve “manter distintas as categorias da criação.”⁷⁰ Ela afirma: “para compreender esse esquema da criação nós necessitamos voltar ao Gênesis e a criação. Aqui uma tripla classificação se revela, dividida entre a terra, as águas e o firmamento. Levítico toma esse esquema e distribui a cada esfera sua espécie própria de vida animal.”⁷¹

Na opinião de Douglas os animais da terra tem quatro patas e cascos para andar. Ela, contudo, omite o dado de que somente quadrúpedes que têm o casco partido são limpos. Nas aves do ar é necessário duas asas para voar e duas patas para andar. Na água os peixes têm barbatanas e escamas para nadar. Outra vez Douglas omite o fato de que as escamas não são usadas para nadar. Em sua opinião qualquer criatura que cruze estes limites constitui-se em anomalia e é declarada imunda. Animais que não se enquadrem na própria ordem são inadequados, ou “imundos,” em sua opinião. Seu conceito de “imundo” tem sido severamente criticado.⁷²

Ao resumir sua posição, citamos a H. Eilberg-Schwartz: “Douglas argumenta que o mito da criação (Gên. 1: 1-2:4) provê um modelo conceptual para a compreensão do Universo. Na visão de Douglas, esse relato da criação provê um esquema cognitivo em que a realidade é demarcada e definida. Qualquer coisa que viole as classificações que estão estabelecidas nessa história é tratada como uma falha na criação e, portanto, é considerada anormal e imunda.”⁷³ Os animais que se ajustam a classificação da criação são considerados limpos e santos.

A hipótese de Douglas tem sido adotada por vários eruditos,⁷⁴ mas também tem recebido forte crítica de outros. Robert Alter notou que as sugestões de Douglas (e de J. Soler) não explicam porque a galinha e o pato são considerados limpos uma vez que eles são anômalos e não se enquadram na classificação estabelecida.⁷⁵ O frango tem asas, mas não voa e o pato tem asas mas vive muito

⁶⁸ Douglas, *Purity and Danger*, p. 49.

⁶⁹ *Ibid.*, 55.

⁷⁰ *Ibid.*, 53.

⁷¹ *Ibid.*, 55.

⁷² Anna S. Meigs, “A Papuan Perspective on Pollution”, *Man* 13 (1978): 304-318.

⁷³ Eilberg-Schwartz, p. 38.

⁷⁴ Jacob Milgrom, “An Investigation into the Meaning of ‘unclean’ in Our Culture”, *Directions* (Los Angeles: The University of Judaism, 1981), pp. 4-6; J. R. Porter, *Leviticus* (London: Cambridge University Press, 1976), p. 84; Wenham, *Leviticus*, pp. 168-71; idem, “The Theology of Unclean Food”, pp. 9-11; Gammie, *Holiness in Israel*, pp. 10-11.

⁷⁵ Robert Alter, “New Theory of Kashrut,” *Commentary* 68/2 (1979): 49, nesta obra, ele, na verdade, contesta a utilização que Jean Soler faz destes animais em “The Dietary Prohibitions of the

tempo na água. Esta objeção é considerada “pesada”⁷⁶ porque ela mostra que o método de classificação empregado não explica, de modo consistente, a variedade de animais designados como imundos. Jacob Milgrom teve que fazer grandes ajustes na hipótese de Douglas para torná-la mais próxima do texto de Levítico 11 e tornar sua visão de anomalia mais válida.⁷⁷

Enquanto, aparentemente, haja um vínculo conceptual entre Levítico 11 e Gênesis 1, como tentamos mostrar acima, isso não significa que a narrativa da Criação tenha produzido as leis alimentares da maneira que Douglas sugere. Levítico 11 tem uma seqüência de animais da terra – criaturas das águas – aves – insetos alados – enquanto Gênesis 1 tem a seqüência de criaturas da água – pássaros e animais da terra. A classificação de Gênesis 1 encontra uma duplicação somente parcial em Levítico 11, e isso em uma ordem parcialmente diferente. Ademais, nem todos os animais limpos seguem a suposta classificação da Criação. Por outro lado, a preocupação de Douglas em buscar uma resposta abrangente e não parcial está no caminho certo. No todo, sua teoria permanece problemática e tem sido severamente criticada pela falta de validade de seu “critério original (meios próprios de locomoção), mas também o valor da declaração geral de sua tese de que a noção de impureza subjacente às leis alimentares bíblicas é baseada na anomalia de animais proibidos em relação a suas respectivas classificações (e.g. gado, peixes, aves).”⁷⁸ A teoria de Douglas não subsiste se seus próprios critérios são aplicados.

Uma das mais antigas explicações é a das razões higiênicas e de saúde. Esta é “provavelmente a mais popular explicação das leis alimentares... os animais imundos eram reconhecidos pelos antigos como um perigo para a saúde, e eram, portanto, declarados imundos,” escreve Gordon Wenham.⁷⁹ Roland E. Clements diz: “o que temos aqui é um simples e abrangente manual de alimentação e higiene pessoal.”⁸⁰ A posição higiênica é apoiada também por outros, incluindo William F. Albright.⁸¹ Roland K. Harrison é um comentarista moderno que faz uma grande defesa das razões higiênicas e de saúde para as leis alimentares. Ele enumera vários parasitas e vermes que podem ser contraídos dos animais imundos incluindo os peixes.⁸² Muito mais poderia ser dito a respeito da saúde em relação aos animais limpos e imundos. Sua validade não pode ser facilmente rejeitada.

Hebrews”, *The New York Review of Books* (June 14, 1979): 24-30. Soler e Douglas, contudo, tem o mesmo argumento e, portanto, isto se aplica a ambos.

⁷⁶Assim, Eilberg-Schwartz, p. 359.

⁷⁷Milgrom, “Ethics and Ritual,” pp. 176-183.

⁷⁸Firmage, “The Biblical Dietary Laws,” 182.

⁷⁹Wenham, “The Theology of Unclean Food”, p. 6

⁸⁰Roland E. Clements, *Leviticus* “Broadman Bible Commentary” (London: Marshall, Morgan and Scott, 1971), 2:34.

⁸¹Por exemplo, Peter C. Craigie, *The Book of Deuteronomy* “The New International Commentary on the Old Testament” (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), p. 321. William F. Albright, *Yahweh and the Gods of Canaan* (Garden City: Doubleday & Comp., 1968), pp. 177-81, fala da lei alimentar de Levítico 11 e Deuteronômio 14 como sendo “leis higiênicas” ou “regulamentos higiênicos.”

⁸²Harrison, *Leviticus*, pp. 126-31.

Há várias reações às bases higiênicas e de saúde para as leis alimentares. Entre as reações há várias que podem ser resumidamente consideradas. Uma objeção é que “outros povos têm considerado certos animais como imundos, contudo suas demarcações raramente coincidem com as demarcações bíblicas.”⁸³ As razões pelas quais outros povos consideram alguns animais como sendo imundos podem ter uma variedade de experiências e propósitos. Alguns dos quais são religiosos, cúltricos, divinatórios, e assim por diante.⁸⁴ De acordo com isso as demarcações não precisam estar alinhadas uma vez que as experiências e propósitos variam.

Outra objeção sugere que “alguns animais limpos são mais questionáveis na área higiênica do que alguns animais imundos.”⁸⁵ Essa declaração continua sem provas. Supostamente “está longe de ser claro que todos animais imundos... são nocivos à saúde.”⁸⁶ Ainda não sabemos tudo em grande ou pequena escala a respeito dos malefícios do consumo de carnes imundas. É preciso conhecer todas as ramificações das instruções alimentares para que elas sejam válidas?

Uma terceira objeção alega que “o AT não oferece nenhum indício de que estes alimentos sejam nocivos à saúde” e a lei alimentar carece de orações de motivo.⁸⁷ Com respeito às orações de motivo na estrutura da sentença hebraica, deve ser notado que elas estão ausentes da maioria das leis e instruções do livro de Levítico. Mas em nenhum lugar existe qualquer indicação de que a ausência de uma oração de motivo torne uma lei cerimonial ou universal inválida. Assim os padrões do livro se aplicam a Levítico 11. Se o Antigo Testamento não dá nenhum indício a respeito das razões de saúde, depende de como compreendemos o chamado para “sede santos” (Lv 11:44-45). A santidade envolve plenitude em todas as dimensões, inclusive na dimensão física. A saúde está incluída na santidade.

Tem sido objetado que se a higiene era uma razão, por que as plantas venenosas não são “classificadas como imundas?”⁸⁸ O regulamento para plantas próprias para alimento já é dado em Gênesis 1:29-30, uma instrução universal que ainda permanece válida a despeito da permissão para comer a carne de certos animais após o Dilúvio. Por que isto deveria ser repetido aqui onde é a questão dos animais que está sob discussão e não a questão de alimento vegetal?

Gordon J. Wenham suscita a questão: “se saúde era razão para declarar certos alimentos imundos em primeiro lugar, por que nosso Senhor os declarou limpos em sua época?”⁸⁹ Ou em outras palavras: “por que a igreja primitiva permitiu sua abolição (regulamentos do Antigo Testamento) no primeiro século

⁸³Wenham, “The Theology of Unclean Food,” 6.

⁸⁴Kornfeld, “Reine und unreine Tiere im Alten Testament”, pp. 134-36.

⁸⁵Wenham, *Leviticus*, pp. 167-68.

⁸⁶Wenham, “The Theology of Unclean Food,” 6.

⁸⁷Wenham, *Leviticus*, p. 168.

⁸⁸*Ibid.*

⁸⁹Wenham, *The Book of Leviticus*, p. 168.

AD?⁹⁰ Essas questões assumem que as leis alimentares foram abolidas por Cristo e os apóstolos.

Este assunto merece uma investigação mais ampla que não pode ser oferecida aqui. Vamos nos restringir a poucas observações essenciais. Há somente uma passagem no Novo Testamento onde um dito de Jesus exige alguma atenção aqui. A breve sentença de Marcos 7:19 é posta entre colchetes em algumas versões que assim traduzem: “assim ele declarou puros todos os alimentos”[NASB]. Existem questionamentos a respeito da autenticidade desta declaração de Jesus.⁹¹

Tanto a tradução como o significado desta oração são seriamente questionados, como uma olhada rápida nos comentários pode indicar. As palavras “assim ele” em itálicos na NASB indicam que a construção participial grega é ambígua, não tendo nenhuma conexão sintática direta. Isto por si só já é um problema sério. A tradução da NASB considera o particípio masculino (*katharizôn*, lit. “purificando”) dependente de “ele diz” (*legei*) no verso 18. É isso justificável?

Vários comentaristas competentes vêm a conexão sintática de maneira diferente, ou seja, como um anacoluto do qual é extraída a conclusão óbvia de que os processos digestivos normais “purificam todos os alimentos.”⁹² Matthew Black tem opinião diferente. Ele toma o termo “alimento” (*bromata*) como singular e o particípio precedente “purificando” (*katharizôn*) como um passivo. Ele traduz a oração: “pois não entra no coração, mas no ventre, *todo o alimento sendo lançado fora e purificado.*”⁹³ Neste caso Jesus não disse nada do que a NASB e outras versões similares traduzem. Agora é óbvio que estas divergências de opinião mostram que esta pequena sentença não é tão facilmente compreendida como parece. Se algumas das sugestões mencionadas são corretas, então a sentença não teria nada a ver com Jesus declarando limpos todos os alimentos. É necessário ter cuidado com essa sentença, com seu relacionamento sintático e seu significado.

A segunda observação diz respeito às leituras variantes de Marcos 7:19 nos manuscritos gregos. Uma nota de rodapé sobre esta frase problemática na Bíblia de Jerusalém afirma que “a sentença (possivelmente uma glossa) é obscura e interpretada de diferentes maneiras.”⁹⁴ À parte das razões já mencionadas acima, há quatro diferentes formas da palavra grega “purificar” em uma grande variedade de manuscritos gregos, cada uma acarretando um significado diferente

⁹⁰Wenham, “The Theology of Unclean Food,” 6.

⁹¹Com Robert A. Guelich, *Mark 1-8:26* “Word Biblical Commentary” (Dallas, TX: Word Book Publishers, 1989), p. 378, onde ele cita em seu apoio estudiosos como Taylor, Klostermann, Lambrecht, Gnllka and Quesnell.

⁹²Assim entre outros E. Klostermann, *Das Markusevangelium* “Handbuch zum Neuen Testament,” 2ª ed. (Tübingen: Kohlhammer, 1826), p. 71; W. Grundmann, *Das Evangelium nach Markus*, p. 195; e outros

⁹³Matthew Black, *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*, 2ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 1954), p. 217

⁹⁴Alexander Jones, Editor geral, *The Jerusalem Bible* (Garden City, NY: Doubleday and Company, Inc., 1966), p. 75.

para essa difícil oração.⁹⁵ Esta é a razão da tradução desta frase controvertida feita pela KJV em 1611: “purificando todas as carnes.” Esta tradução é apoiada pelo *Textus Receptus* que apresenta o participio neutro *katharizôn*, “purificando,” que é entendido como modificando a frase “tudo o que entra de fora” (*pan to exothen eisporoumenon*) do verso 18.⁹⁶ Embora as traduções recentes mais e mais traduzam esta sentença problemática como “assim declarou ele puro todos os alimentos,”⁹⁷ não existe nenhuma certeza quanto ao que esta frase realmente significa. Literalmente as palavras gregas “*katharizôn panta ta bromata*” significam “purificando todos os alimentos.” Em vista destes grandes problemas textuais, não seria sábio que um estudante sério da Bíblia concluísse que é seguro o que (1) Jesus está falando e (2) que a frase significa com certeza que ele declarou puro todos os alimentos e, portanto, comestíveis.

Nossa terceira observação diz respeito ao que realmente Jesus intencionou dizer com esta sentença, se a tradução da NASB (e outras) fosse seguida, e se ele realmente disse algo assim. Aqui um breve comentário sobre a palavra “alimentos” (*bromata*) pode ser útil. Marcos 7:19 aparece no contexto mais amplo da controvérsia de Jesus a respeito das prescrições alimentares rabínicas (Mc 7:3-5). Nesse contexto a idéia de animais imundos nem sequer seria associada com a idéia de “alimentos,” porque os animais imundos não pertenciam à categoria de alimento para um judeu devoto nos dias de Jesus.

Uma Quarta consideração é relevante. Trata Marcos 7:1-23, do qual faz parte o verso 19 com o suposto dito de Jesus, da distinção entre animais limpos e imundos de Levítico 11 (e Deuteronômio 14) ou trata das distinções entre puro e impuro dos rituais de lavagem dos rabis, ou seja da tradição judaica? Se este é o caso, e o contexto mais amplo aponta nessa direção, então o suposto dito de Jesus não tem nada a ver com as leis alimentares de Levítico 11 e Deuteronômio 14.

Contra o quê Jesus está argumentando dentro do contexto mais amplo de Marcos 7? Contra as leis alimentares do Pentateuco dadas por Deus ou contra a lei oral (*halakâ*) adicionada às leis de Deus pelos rabinos? É importante considerar a passagem de Marcos 7:1-23 como um todo e evitar trabalhar com separação atomística ou ao estilo da crítica das formas que separa as unidades menores. Marcos 7:2-5 claramente indica que o assunto é a “tradição dos anciãos”(verso 3), e que os discípulos comiam os alimentos sem observar as prescrições rabínicas de lavar as mãos, de acordo com uma particular tradição

⁹⁵Ver o aparato textual do verso 19 em K. Aland, M. Black, B. M. Metzger e A. Wikgren, eds., *The Greek New Testament* (Stuttgart: Württembergische Bible Society, 1966), p. 150.

⁹⁶Robert G. Bratcher e Eugene A. Nida, *Translator's Handbook on the Gospel of Mark* (Leiden: E. J. Brill, 1961), p. 232.

⁹⁷A NKJV traduz a controvertida frase, “*assim* purificando todos os alimentos.” Ela acrescenta em uma nota de margem ao verso 19 o seguinte. “NU coloca a frase final como um comentário de Marcos de que Jesus declarou limpos todos os alimentos.” O acrônimo NU representa o texto eclético e crítico reconstruído no Novo Testamento Grego de Nestle-Aland (26ª edição), assim, N, e a terceira edição da United Bible Societies [Sociedades Bíblicas Unidas], portanto U.

humana que tornava imundos os alimentos limpos que eles comiam porque não haviam lavado as mãos de acordo com as prescrições.

Nos versos 7-10 Jesus confirma a lei de Deus em contraste com esta “tradição dos homens” (v. 8), indicando que Jesus mantém as leis de Deus, até mesmo introduzindo Moisés em sentido positivo nos versos 7 e 10. Assim, Jesus não é contra a lei divina, mas contra a tradição humana. Joachim Jeremias observa que o dito chave de Jesus no verso 15 “não significa abrogação da Torá concernente aos alimentos limpos e imundos (i.e. Lv 11; Dt 14:3-21: animais limpos e imundos),”⁹⁸ mas que Jesus nega “pureza rabínica da *halaká*.”⁹⁹ C. E. B. Cranfield também argumenta que no contexto de Marcos 7:1-13 Jesus “está tomando o lado da Lei escrita contra a lei oral (*halaká*).”¹⁰⁰ Estes eruditos sustentam que Marcos 7:1-23 não deveria ser separado, que toda a passagem concluindo com o verso 23 é o contexto próprio do verso 19. Esta posição parece ser contextualmente válida. William H. Lane comenta a respeito de Marcos 7:19 o seguinte: “Jesus não tem a intenção de negar que as leis de pureza ocupam um significativo lugar no código mosaico (Lv 11:1-47; Dt 14:1-20) ou depreciar a dignidade de homens que sofreram a morte ao invés de violar a Lei de Deus a respeito de alimentos limpos e imundos (1Macabeus 1:62ss). Ao contrário, Ele enfatiza o reconhecimento de que a suprema sede de pureza ou contaminação diante de Deus é o coração.”¹⁰¹

Esses intérpretes demonstram, com base no contexto, que não é apropriado concluir que Jesus eliminou a distinção entre limpo e imundo nas leis alimentares da Torá. Esta opinião é apoiada com base na passagem paralela de Mateus 15:1-20 na qual o dito de Marcos 7:19 está faltando. O debate em Marcos é a respeito das “tradições dos homens,” das leis rabínicas de pureza, que prescreviam como as mãos deviam ser lavadas antes das refeições de forma que o indivíduo não se contaminasse ritualmente ao comer. Se a sentença problemática do verso 19 fosse traduzida de forma que Jesus estivesse fazendo uma afirmação na qual ele declara todos os “alimentos” ritualmente puros, então ele simplesmente declararia contextualmente que os “alimentos” consumidos com “mãos” ritualmente “impuras” (v. 5), de acordo com a tradição rabínica, não é obrigatória para os seguidores de Jesus. Jesus não removeu a distinção não cerimonial entre animais limpos e imundos de Levítico 11 (Dt 14) como o contexto deixa claro e a palavra “alimentos” (*brómata*) em grego indica. Esta última nunca é utilizada para distinguir alimentos derivados de animais limpos ou imundos ao serem comparados com outros tipos de alimentos.¹⁰²

⁹⁸Joachim Jeremias, *Neutestamentliche Theology. Erster Teil: Die Verkündigung Jesu*, 2ª ed. (Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1973), p. 213.

⁹⁹*Ibid.*, p. 202.

¹⁰⁰C. E. B. Cranfield, *The Gospel According to St. Mark* “The Cambridge Greek Testament Commentary” (Cambridge: At the University Press, 1963), p. 243.

¹⁰¹William L. Lane, *The Gospel According to St. Mark* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1974), p. 255.

¹⁰²H. Krapotschek, “*broma*,” *The New International Dictionary of New Testament Theology*, ed. Colin Brown (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1976), 2:268-69.

Não é possível discutir em detalhes outras passagens do Novo Testamento que tratam do assunto dos alimentos oferecidos aos ídolos. Atos 10-11, contudo, é freqüentemente invocado como indicando que a distinção entre animais limpos e imundos foi abolida para o cristão. Tem sido demonstrado que a distinção entre “comum” (*koinós/koinóo*) e “imundo” (*akáthartos*) é de vital importância e que as tradições do judaísmo, não do Antigo Testamento, tornavam o “limpo” em algo “comum” ou “contaminado” através do contato com o “imundo.” Assim as criaturas “limpas” eram agora tornadas “comuns” pelo contato no lençol com as criaturas imundas.

Pedro se recusa a concordar com a ordem “mata e come” (Atos 10:13). “De modo nenhum Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum [*koinós*] e imunda [*akáthartos*]” (v. 14). Evidentemente Pedro não compreendeu o dito de Jesus em Marcos 7:19 no sentido de uma remoção da distinção entre animais limpos e imundos da Lei. As criaturas imundas eram aquelas assim declaradas nas leis alimentares do Pentateuco. As criaturas “comuns” eram aquelas designadas “limpas” nas leis alimentares. Contudo, na tradição judaica elas tinham se tornado “comuns” pelo contato com as criaturas “imundas.” A declaração rabínica de que o limpo poderia se tornar “comum” pelo contato com o imundo estava em direta oposição ao Antigo Testamento onde os animais “imundos” não tornavam nada “comum” ou “imundo” por contato.

Entretanto, a declaração, “O que Deus purificou [*katharízo*] não consideres comum [*koinós*]” (v. 15 ARA), indica que “tu,” Pedro, como um homem, não debes considerar “comum” o que Deus considerou de outra forma. O que Deus declarou limpo,¹⁰³ não deve ser tornado em algo “comum” pelo homem.

O assunto de Atos 10-11 não diz respeito à questão de alimentos limpos ou imundos, mas ao problema da associação com os gentios. Eles não deveriam ser considerados “imundos” ou “comuns” e assim indignos de serem membros da comunidade cúltica de Deus. Essa infundada distinção rabínica quando aplicada a associação humana foi mostrada ser contra a declaração de Deus a Pedro, e os outros cristãos não estavam obrigados a tais tradições de associação entre judeus e gentios.¹⁰⁴ Aqui também o assunto não diz respeito a alimentos que devem ser consumidos, mas é um caso de convivência social e comunhão entre judeus e gentios.

Agora necessitamos voltar aos motivos oferecidos e às razões explícitas mencionadas em Levítico 11:44-45 para as leis alimentares, ou seja, o apelo “sereis santos porque eu sou santo” (v. 44). Existe também a lembrança, “Eu sou o Senhor que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja o vosso Deus; portanto, vós sereis santos porque eu sou santo” (v. 45). Estes versos oferecem como sua própria razão básica ao vincular o assunto dos animais limpos e

¹⁰³O tempo aoristo *ekathárisen* empregado aqui indica que este era foi um ato pontiliar e histórico, e aponta retrospectivamente para a distinção divina entre “limpo” e “imundo.”

¹⁰⁴Ver o bem elaborado argumento a respeito disso por Colin House, “Defilement by Association: Some Insights from the Usages of *koinós*, *koinoō* in Acts 10 and 11,” *Andrews University Seminary Studies* 21 (1983): 143-55.

imundos aos dois grandes temas: o tema da santidade para o povo de Deus e o tema da redenção da escravidão egípcia. Deuteronômio 14:2 é a introdução da lei alimentar: “Porque sois povo santo ao SENHOR vosso Deus, e o SENHOR vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes seu povo próprio” (ARA). W. Gispén nota que “santidade é o supremo motivo dessas leis [alimentares]” e que a “única explicação satisfatória para a distinção entre animais limpos e imundos é que o Santo, por esses regulamentos, mostra a necessidade de que Seu povo seja um povo santo, uma nação que não seja como as outras nações.”¹⁰⁵

Santidade tanto significa separação do profano como separação para Deus. Pode ser notado também que ser santo significa compartilhar da singularidade de Deus o qual é santo. Ao seguir a orientação da lei alimentar o crente se envolve em uma *imitatio dei*,¹⁰⁶ isto é, o crente segue o exemplo do próprio Deus.

O *textus classicus* da idéia do “povo santo” é Êxodo 19:3-6. Israel havia sido redimido da escravidão egípcia e está ao pé do monte Sinai, na iminência de entrar em um relacionamento de concerto com Deus. Nessa conjuntura crucial, o Redentor de Israel declara: “vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (v. 6 ARA). A conexão entre “nação santa” em Êxodo 19:6 e o imperativo “vós sereis santos” como povo ao não comerdes de animais imundos, como especificados em Levítico 11:44-45, é particularmente impressionante.

Em Levítico 11:44-45 temos a primeira referência ao tema do “povo santo” depois de ter sido mencionado pela primeira vez em Êxodo 19:6. Entre as várias razões pelas quais Israel deveria ser um povo santo (*qadôsh*) e separado ou “consagrado” (*qdash*, Piel em Levítico 11:44) a Deus, tem especial proeminência a instrução alimentar para a abstinência de comer carne de animais imundos. Ser uma “nação santa” significa, entre outras coisas, também seguir a orientação alimentar divina.

É bem conhecido que a terminologia hebraica para as idéias interrelacionadas de “santo” (*qadôsh*), “santidade” (*qodesh*) e “santificar” (*qdash*, Piel) deriva naturalmente da mesma raiz hebraica (*qdash*) e indica o conceito mais amplo de santidade, plenitude, bem-estar, e coisas semelhantes. É instrutivo que na língua acadiana, língua semítica cognata, o verbo *qdashu(m)* tem o duplo sentido de “santo” e “ser limpo” o qual é também manifestado em outros termos derivados da mesma raiz.¹⁰⁷ Existe, assim, além dos escritos de Moisés, um inter-relacionamento mais amplo entre santo e limpo.

O tema do “povo santo” é proeminente no livro de Deuteronômio (7:6; 14:2; 21; 26:19; 28:9). No livro de Isaías o futuro remanescente é chamado de “santo” (4:2, 3) pela primeira vez.¹⁰⁸ Isaías mostra que embora o Israel antigo deva ser destruído, haverá um verdadeiro e “santo” remanescente da fé que vai

¹⁰⁵ Gispén, “The Distinction Between Clean and Unclean,” p. 196.

¹⁰⁶ Firmage, “The Biblical Dietary Laws,” 183.

¹⁰⁷ H. P. Müller, “*qdash* heilig,” *Theologische Handwörterbuch zum Alten Testament*, eds. E. Jenni e C. Westermann (München: Kaiser, 1976), 2:590.

¹⁰⁸ Gerhard F. Hasel, *The Remnant. The History and Theology of the Remnant Idea from Genesis to Isaiah* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1974), pp. 263-68.

levar avante os propósitos do Senhor (Is 6:13). O Deus dos fiéis e “santos” é designado “o Santo de Israel.” No livro de Daniel existem aqueles que suportam todas as pressões dos poderes opostos a Deus, até mesmo perseguições, no tempo do fim, e eles são chamados “os santos do Altíssimo” (7:21, 25). No fim da História estes santos de Deus, estes crentes consagrados, receberão do Filho do Homem o reino eterno (Dn 7:18, 22).

O Novo Testamento usa a mesma terminologia para descrever os crentes cristãos. Na verdade, o Novo Testamento aplica aos crentes o termo “santos” e os identifica como “santos.” Êxodo 19:6 é aplicado à igreja como a comunidade dos “santos.” Pedro escreve: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pe 2:9). Pedro mostra que a expressão “nação santa” de Êxodo 19:6 não é mais o Israel literal e étnico, mas a nova comunidade dos crentes, a igreja.¹⁰⁹

O resultado disso é que a nova comunidade do verdadeiros crentes, essa “nação santa” de Deus, apegar-se-á ao estilo de vida de santidade que Deus lhes designou. Para esse remanescente “santo,” tal estilo de vida de santidade inclui as leis alimentares universais pelas quais sua separação do que é nocivo e destrutivo e sua plenitude em Deus são manifestadas.

Na era cristã, a comunidade dos verdadeiros crentes é o Israel de Deus que deve ser “santo,” e se envolver na *imitatio dei*. Nessa identificação vemos porque a lei alimentar do Antigo Testamento é dada a Israel e a todos os que devem ser santos. Hoje o Israel de Deus do novo concerto é a comunidade do remanescente fiel que é também chamado para a santidade e está em continuidade com todos aqueles que trilharam o caminho da santidade como estilo de vida. Atos 15:20 apela para que os novos crentes “se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue.” Certamente essas quatro proibições obrigatórias do assim chamado Decreto Apostólico refletem as leis universais de Levítico 17-18¹¹⁰ e Gênesis 9. Implícita nesta quartúpla seqüência, a qual está conceptual e terminologicamente, e em seu assunto, vinculada a Levítico 11:2-23, 40-45; 20:25-26 e Deuteronomio 14:3-20, como foi mostrado acima, está também a distinção entre limpo e imundo implicitamente referida em Levítico 17:13 com respeito aos animais de caça e aves que podem ser consumidos.

Os crentes do Novo Testamento formam a “nação santa” prometida por Deus. É um povo santo que continua a fazer “distinção entre animais limpos e imundos...” (Lv 20:25) e assim, nesta área como em outras, lhes é solicitado que sejam “santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1Pe 1:15).¹¹¹

¹⁰⁹Norbert Brox, *Der erste Petrusbrief* (Leipzig: St. Benno-Verlag, 1986), pp. 104-07.

¹¹⁰F. Hauck e S. Schulz, “*pornê*,” *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1968), 6:592-93.

¹¹¹A dicotomia “livro de caso” [casebook] e “livro de código” [codebook] proposta a respeito a lei bíblica (ver Alden Thompson, *Inspiration* [Hargestown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1991], pp. 110-35) é exegeticamente infundada e hermeneuticamente uma sobreposição de um critério externo sobre a Bíblia. No capítulo “Two Perspectives on Diet” [Duas Perspectivas

Este quadro conciso de idéias interrelacionadas de pureza no alimento, e santidade no estilo de vida em todas as suas ramificações, apenas sugere o extenso quadro bíblico de um “povo santo,” completamente dedicado ao seu Deus e a Cristo seu Senhor. Provê apenas uma alusão ao extraordinário potencial deste remanescente fiel, verdadeiro, e “santo” que vive agora no tempo do fim.

Conclusão

Os resultados de nosso estudo indicam o seguinte: (1) A lei alimentar de Levítico 11:2-23, 41-45 (Dt 14:3-20) é parte da lei universal provida no Antigo Testamento e é independente da lei cerimonial ou ritual. (2) Sua localização em Levítico 11 deve-se ao artifício da “palavra-chave” e padrões de composição e preocupações temáticas dentro de seu contexto imediato e mais amplo no Pentateuco. (3) Seus vínculos com o relato da Criação e a narrativa do Dilúvio dentro do contexto do universalismo de Gênesis 1-11 é assegurado em bases terminológicas e temáticas. (4) A linguagem especial de “limpo e imundo,” “detestável,” e “abominação” e seus relacionamentos a ligam com a lei divina universalmente válida. (5) A fundamentação contextualmente explícita de “santidade” e “redenção” une a lei alimentar ao tema da “nação santa” confirmado no Novo Testamento para todos os verdadeiros crentes que são a “nação santa” espiritual que é separada para Deus para serem “santos em todo o vosso procedimento” (1Pe 1:15). Santidade manifesta-se em conduta santa.

sobre a Dieta] (pp. 126-30), Thompson reinterpreta e racionaliza a lei alimentar ao afirmar “faça qualquer coisa possível para fortalecer e preservar a vida. Quanto à dieta, coma o melhor tipo de alimento disponível” (p. 129). O Antigo Testamento e, posteriormente, o próprio Jesus não apoiam essa espécie de raciocínio e de reinterpretação racionalista. A instrução sobre animais limpos e imundos não significa “coma o melhor alimento disponível,” e, por implicação, pode-se comer qualquer coisa se o melhor não está disponível. A instrução de Deus sobre alimento limpo e imundo confronta essa espécie de manipulação do assunto alimentar.

Revela-se, entre muitas coisas, em uma contínua distinção do que Deus designou como próprio para consumo humano. Ao consumir alimento apropriado para o “povo santo” de Deus, a igreja constantemente manifesta seu Senhor em uma contínua *imitatio dei*. Na Bíblia, Deus é a base para a ética e, o verdadeiro povo de Deus vive uma vida de piedade, uma vida de santidade, porque eles são um “povo santo” (Ex 19:6; 1Pe 2:9)